

## ESPANTALHOS TEÓRICOS NO EMBATE ENTRE A SEMÂNTICA E A PRAGMÁTICA

### THEORETICAL SCARECROWS ON SEMANTICS VERSUS PRAGMATICS SHOCKS

Marina Chiara Legroski\* (UFPR)

---

**RESUMO:** O presente trabalho destina-se a uma discussão epistemológica da semântica e da pragmática por meio da apresentação do debate presente em dois textos: o capítulo 11 do livro *Introducción a la Pragmática*, de Maria Victoria Scandell, e do artigo “A semântica, a pragmática e seus mistérios”, de Renato Basso e Roberta Pires de Oliveira. Com base nesses textos, pretendo discutir a ideia presente na filosofia da ciência – trazida a esse trabalho pelo livro de Steven Pinker, *De que é feito o pensamento* – segundo a qual o debate epistemológico se dá por meio da construção de um espantalho teórico, ou seja, um inimigo facilmente derrotável por outro tipo de abordagem. Essa análise confronta dois tipos de argumentação científica: de um lado, o texto da pragmaticista, desqualificando a semântica e, de outro, o texto dos dois semanticistas, argumentando de forma mais ponderada. Com isso, podemos perceber que é possível debater sem precisar da construção de um inimigo fácil de derrotar e que, principalmente, não é necessário que se desqualifique o “oponente” para que seja justificada uma nova abordagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica. Pragmática. Metáfora. Filosofia da Ciência.

---

---

**ABSTRACT:** This paper focus on a epistemologic discussion about semantics and pragmatics, through the presentation of the contest presented on two works: the 11<sup>th</sup> chapter of the Maria Victoria Scandell's book *Introducción a la pragmática*, and the paper “A semântica, a pragmática e seus mistérios”, wrote by Renato Basso e Roberta Pires de Oliveira. On these papers, I intend to discuss the idea, also presented on the science's philosophy – brought here by the Steven Pinker's *De que é feito o pensamento* – whereby the epistemological discuss is made through the making of a theoretical “scarecrow”, i.e., an enemy easy to defeat. This analysis confronts two kinds of argumentation: on the one hand, the pragmaticist's text, disqualifying semantics, and, by the other hand, the text of two semanticists, with one more weighted argumentation. By this, we can figure out that is possible to discuss with no need to build an enemy too easy to defeat and, mainly, there's no needing to disqualify the opponent to justify a new theoretical approach.

**KEYWORDS:** Semantics. Pragmatics. Metaphor. Science's Philosophy.

---

---

\* Mestranda no programa de Pós Graduação em Letras na Universidade Federal do Paraná (UFPR), na Área de Concentração em Estudos Linguísticos. Bolsista do CNPq. E-mail: [marinalegroski@gmail.com](mailto:marinalegroski@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Steven Pinker, em seu livro *De que é feito o pensamento*, levanta a questão de que um pesquisador que não tem a lógica nem os dados a seu favor precisa recorrer a “truques sujos” para convencer seu interlocutor. Dentro das estratégias possíveis para executar os tais truques, segundo ele, estão o apelo à autoridade, como “Fulano diz isso e ele ganhou um prêmio”, e outras menos lisonjeiras, como atribuir motivos não científicos às declarações, como “Fulano só quer chamar a atenção” ou mesmo “Fulano quer conseguir dinheiro para financiar seus projetos, portanto fala determinadas coisas”; além de proferir críticas ostensivas a seu oponente, como xingá-lo e, ainda, difamar por associação, como “A empresa que financia essa pesquisa também já financiou os nazistas” (PINKER, 2008, p. 111).

No entanto, a ‘estratégia suja’ mais conhecida é, de acordo com ele, a “montagem e destruição de um espantalho” – ou seja, ao invés de atacar diretamente uma teoria, o cientista monta uma versão resumida, incompleta, e, em geral, pouco atual da teoria da qual diverge (um ‘espantalho’) e se serve desse simulacro como opositor para o debate científico.

A ideia veiculada aqui, porém, não me parece que se aplica somente a pesquisadores que não possuem os dados e a lógica ao seu favor, como quer Pinker, mas a qualquer cientista que se oponha a qualquer teoria. Conforme afirma Pinker (2008, p. 111), esse é “um estratagema tão versátil que às vezes fica difícil imaginar como a vida intelectual sobreviveria sem ele”.

Para o autor, existem várias formas de lidar com esse simulacro. A mais comum, segundo ele, seria travar uma “luta de boxe” com o espantalho: um embate fácil de vencer, dada a fragilidade do oponente. Outra forma, segundo Pinker, seria montar um simulacro da teoria para depois argumentar que esse simulacro não era tão irreal assim, apenas para fazer com que as críticas pareçam menos duras e severas. Outra possibilidade, ainda, seria montar um espantalho fanático, com versões extremistas da teoria, das quais o cientista se afastaria para mostrar sua ponderação – o que faria com que o interlocutor aceitasse mais facilmente a versão moderada.

É fato que esse tipo de argumentação é muito comum na ciência e, como não poderia deixar de ser, é também na linguística. Como disse anteriormente, não apenas em situações nas quais o cientista não possui os dados ou a lógica a seu favor: vender análises e teorias como sendo “verdadeiras” é o papel de qualquer cientista e, portanto, argumentar em busca de novos seguidores é parte do trabalho.

Embates particularmente interessantes se dão dentro de ciências cujo objeto teórico é, em parte, compartilhado. Um caso que me interessa é o embate que se dá entre a semântica e a pragmática, particularmente pelo fato de que diversos teóricos dessas áreas acabam por concluir que apenas uma delas pode dar conta completamente de um fenômeno, o que me parece equivocado.

O objetivo desse trabalho é, portanto, apresentar brevemente pressupostos teóricos da semântica e da pragmática, e apresentar dois tipos de debates que confrontam esses pressupostos, para mostrar como o embate científico entre essas duas disciplinas se dá. Para que essa discussão não ficasse parcial, optei por apresentar um texto de semanticistas e outro de uma pragmaticista.

## **1 SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA: CADA CABEÇA, UMA SENTENÇA**

Antes de entrar propriamente na apresentação da construção dos espantalhos, faz-se necessária uma apresentação de pressupostos teóricos que os cientistas de cada disciplina dizem ter para que nosso olhar não se torne ingênuo. Olhando para os pressupostos teóricos de cada disciplina pelo olhar do pesquisador, poderemos distinguir, de forma mais criteriosa, o que é “feito de palha” e o que é consistente na argumentação do antagonista.

Para isso, retomo a revisão bibliográfica apresentada por Legroski (2008). A autora faz uma revisão bibliográfica de manuais, bastante simples, elencando apenas definições que os autores dão sobre o que é a disciplina sobre a qual se debruçam (a semântica ou a pragmática) e, a partir dessas reflexões, recorta o que parece ser escopo de uma ou de outra disciplina.

### **1.1 SEMÂNTICA**

Para iniciar a discussão, foram escolhidos dois nomes importantes dos estudos semânticos, Gennaro Chierchia e Sally McConnell-Ginet, em *Meaning and Grammar*. Eles afirmam que “a semântica é o ramo da linguística devotado à investigação do significado da língua, à interpretação de expressões em um sistema de linguagem” (CHIERCHIA; McCONNEL-GINET, 2000, p. 1, tradução minha)<sup>1</sup>. Além disso, afirmam que “muitos dos [seus]

---

<sup>1</sup> Semantics is the branch of linguistics devoted to the investigation of linguistic meaning, the interpretation of expressions in a language system. [Salvo indicação em contrário, as citações em outras línguas, colocadas no corpo do texto, foram traduzidas por mim].

conceitos e técnicas de análise [...] têm origem na lógica e na filosofia da linguagem”. (2000, p. 1)<sup>2</sup>

Além disso, entendem a semântica como parte da linguística porque adotam como pressuposto que a língua possui uma gramática, ou seja, um sistema de regras simples que podem ser utilizadas e re combinadas de maneiras infinitas pelos falantes, o que permite certa criatividade dentro do sistema da língua. Essas ideias, evidentemente, estão pautadas nas reflexões de Noam Chomsky e dos gerativistas que, segundo Chierchia e McConnell-Ginet, deram contribuições muito interessantes para os rumos das investigações linguísticas.

Os autores tocam num ponto que parece crucial para esse tipo de reflexão que pretendemos fazer. Para eles, “a compreensão é uma questão não de corrigir representações, mas de chegar a um consenso do significado da informação”.(2000, p. 16)<sup>3</sup> Ou seja, também é de interesse da semântica (ainda que principalmente para a semântica cognitiva) a capacidade cognitiva dos seres humanos concluírem conversas, mesmo que possuam experiências e conhecimento de mundo bastante diferentes. Inclusive, afirmam que “parte da tarefa da semântica precisa dizer algo sobre o como o significado das palavras deveria ser e algo sobre os algoritmos de combinação desses significados das palavras para chegar aos significados de frases e sentenças”.(2000, p. 7)<sup>4</sup>

Charles Kreidler, em seu livro *Introducing English Semantics*, define a semântica como “uma tentativa de explicar o conhecimento de qualquer falante para comunicar fatos, sentimentos, intenções e os seus produtos da imaginação para outros falantes e entender o que eles lhe comunicam.” (KREIDLER,1998, p. 13)<sup>5</sup> Para Kreidler, “a semântica é o estudo sistemático do significado, e a semântica linguística é o estudo de como as línguas organizam e expressam significados.”(1998, p. 3)<sup>6</sup>

Em *Formal Semantics*, Ronnie Cann afirma que “em seu sentido mais abrangente, semântica é o estudo do significado e a semântica linguística é o estudo do significado

---

<sup>2</sup> Many of the concepts and analytical techniques we introduce have their origins in logic and the philosophy of language [...].

<sup>3</sup> Understanding is a matter not of retrieving representations but of achieving consensus on informational significance.

<sup>4</sup> [...] part of the task of semantics must be to say something about what the word meaning might be and something about the algorithms for combining those word meanings to arrive at phrasal and sentential meanings.

<sup>5</sup> Linguistic semantics is an attempt to explicate the knowledge of any speaker to communicate facts, feelings, intentions and the products of imagination to other speakers and to understand what they communicate to him or her.

<sup>6</sup> Semantics is the systematic study of meaning, and linguistic semantics is the study of how languages organize and express meanings.

expresso pelas palavras, frases e sentenças das línguas humanas”.(CANN, 1993, p. 1)<sup>7</sup>. Para ele, recuperando Kempson (1977),

uma teoria semântica deve:

1. capturar de qualquer língua a natureza do significado das palavras, frases e sentenças e explicar a natureza da relação entre elas;
2. ser capaz de prever as ambigüidades nas expressões de uma língua;
3. caracterizar e explicar as relações sistemáticas de significado entre as palavras, as frases e as sentenças de uma língua. (KEMPSON, 1977, apud CANN, 1993, p. 1)<sup>8</sup>.

Com tudo isso, podemos perceber que a semântica, conforme vista pelos semanticistas, não é uma disciplina de escopo limitado, que fecha os olhos para a interação humana. Ao contrário, é dentro da língua utilizada pelos falantes que a semântica busca os dados que pretende analisar. É evidente que não da mesma forma e com a mesma metodologia que a pragmática, mas cientistas que, em geral, argumentam contra a semântica, traçam esse tipo de raciocínio e acabam por entendê-la como desvinculada da língua real.

Já para a semântica formal, uma das ramificações possíveis dentro da semântica, outros tipos de recorte são feitos. Cann define a semântica formal como sendo

distinta das semânticas linguísticas gerais pelo seu maior uso de técnicas matemáticas e confiança na precisão lógica. [...] A semântica formal por ela mesma foi idealizada como um meio de prover uma interpretação precisa para linguagens formais, *i.e.*, a lógica e a matemática se opõem às línguas naturais que são faladas ou escritas como as línguas maternas dos seres humanos.<sup>9</sup>(1993, p. 2).

No entanto, isso não significa que a semântica formal não possa ser utilizada para descrever e analisar as línguas naturais, mas que a ferramenta formal é precisa a ponto de poder ser utilizada para analisar fenômenos de qualquer língua; ou seja, esse tipo de semântica conta com ferramentas que supõem o uso real da linguagem como pressuposto do que vai analisar.

---

<sup>7</sup> “In its broadest sense, semantics is the study of meaning and linguistic semantics is the study of meaning as expressed by the words, phrases and sentences of human languages”.

<sup>8</sup> A semantic theory must:

1. capture for any language the nature of the meaning of words, phrases and sentences and explain the nature of the relation between them;
2. be able to predict the ambiguities in the expressions of a language;
3. characterize and explain the systematic meaning relations between the words, the phrases and the sentences of a language.

<sup>9</sup> “This theory is a formal theory of semantics and is distinguished from **general linguistic semantics** by its greater use of mathematical techniques and reliance on logical precision. [...] Formal semantic itself was devised as a means of providing a precise interpretation for **formal languages**, *i.e.*, the logical and mathematical languages that are opposed to **natural languages** that are spoken or written as the native languages of human beings”.

A semântica formal, portanto, não é a única abordagem possível para os fenômenos da significação nem mesmo dentro das circunscrições da semântica. Um exemplo disso pode ser encontrado no Manual de Semântica de Márcia Cançado (2005, p. 15), que define essa disciplina como “o estudo do significado das línguas.” Além disso, ela afirma que “Assumimos, mais especificamente, que o semantista busca descrever o conhecimento semântico que o falante tem de sua língua” (2005, p. 16).

Essas definições dão conta apenas da parte mais superficial do estudo da significação, mas a autora ainda vai além. Na contramão do que parecia consenso até agora, ela afirma que “a semântica não pode ser estudada somente como a interpretação de um sistema abstrato, mas também tem que ser estudada como um sistema que interage com outros sistemas no processo da comunicação e expressão dos pensamentos humanos”. (2005, p. 19).

Cançado afirma ainda que

fica claro que nem sempre o sistema semântico é o único responsável pelo significado; ao contrário, em várias situações, o sistema semântico tem o seu significado alterado por outros sistemas cognitivos para uma compreensão final do significado. Por exemplo, vem sendo explorado por alguns estudiosos que alguns aspectos do significado são explicados em termos de teorias da ação, ou seja, dentro do domínio de uma teoria da pragmática. (2005, p. 17).

Podemos perceber que, para Cançado, a semântica precisa dar conta de fenômenos além dos estudados pela semântica formal. Por isso, para ela, é necessário que se pense na interação de diversos sistemas.

Em vista disso, podemos perceber que, mais que uma disciplina que se pretende a analisar a significação, os cientistas são unânimes em afirmar que a semântica está também preocupada com as realizações dos falantes e com os processos pelos quais combinamos palavras e produzimos significados. Dessa forma, a semântica não é uma disciplina que ignora a existência da interação entre os falantes; apenas algumas teorias é que recortam o objeto diferentemente.

## 1.2 PRAGMÁTICA

Os mesmos manuais que trouxeram as definições de semântica que utilizamos no item acima trazem um panorama do que seus autores acreditam ser escopo da pragmática. Chierchia e McConnell-Ginet, em *Meaning and Grammar*, afirmam que a interação com a pragmática se dá porque, como eles adotam o paradigma gerativo, tomam a

linguística para incluir não apenas o estudo das línguas e suas interpretações como sistemas abstratos, mas também o estudo de como tais sistemas são representados nas mentes humanas e usadas por agentes humanos para expressar seus pensamentos e se comunicar com outros. Assim, desenvolvemos nossa teoria semântica com uma visão para a sua interação com a pragmática. Nós iremos considerar não apenas o que as expressões linguísticas significam por elas mesmas (no *stricto sensu* da semântica) mas também o que os falantes querem significar utilizando-as (pragmática). (CHIERCHIA; McCONNEL-GINET, 2000, p. 5)<sup>10</sup>.

Dessa forma, a abordagem que eles dizem estar desenvolvendo leva em conta o *contexto* e a *situação de uso*, conceitos fundamentais para a pragmática. Um pouco antes, eles explicam que “pragmática é o estudo de *usos situados* da língua, e isso se relaciona a questões como o status da sentença como ações com certos tipos de efeitos pretendidos.”(2000, p. 5)<sup>11</sup>

Ronnie Cann (1993) faz também menção ao contexto, dizendo que “uma das influências mais importantes no significado é o *contexto de uso*. O contexto desempenha um papel vital ao determinar como um uso particular pode ser interpretado em uma ocasião” (1993, p. 22)<sup>12</sup>. Já *Introducing English Semantics*, de Charles Kreidler, possui um capítulo chamado “Language in use”, no qual trata de questões que vão de pragmática à prosódia, além de comunicação não verbal. Nesse capítulo, entre outras coisas, Kreidler escreve que

a pragmática é um outro ramo da linguística que é ligado ao significado. Pragmática e semântica podem ser vistas como partes diferentes, ou aspectos diferentes, o mesmo estudo geral. Ambas estão envolvidas com a habilidade das pessoas de usar a linguagem de modo a significar. Enquanto a semântica está majoritariamente ligada com a competência do falante de usar o sistema da língua produzindo proposições com significado e processando (compreendendo) proposições produzidas por outros, o principal foco da pragmática é a habilidade da pessoa de derivar significados a partir de tipos específicos de situações de fala. [...] Evidentemente, o limite entre a semântica e a pragmática é vago e, no presente momento, diversos estudiosos estão prontos para discordar a respeito de onde o limite está. (1998, p. 18-19)<sup>13</sup>.

---

<sup>10</sup> “As our adoption of the generative paradigm implies, we take linguistics to include not only the study of languages and their interpretations as abstract systems but also the study of how such systems are represented in human minds and used by human agents to express their thoughts and communicate with others. Thus we developed our semantic theory with a view to its interaction with a pragmatic theory. We will consider not only what linguistic expressions themselves mean (semantics in the strict sense) but also what speakers mean by using them (pragmatics).

<sup>11</sup> Pragmatics is the study of *situates uses* of language, and it addresses such questions as the status of utterance actions with certain kinds of intended effects.

<sup>12</sup> One of the most important influences on meaning is that of the **context of utterance**. The context plays a vital role in determining how a particular utterance is to be interpreted on any occasion.

<sup>13</sup> Pragmatics is another branch of linguistics that is concerned with meaning. Pragmatics and semantics can be viewed as different parts, or different aspects, of the same general study. Both are concerned with people’s ability to use language meaningfully. While semantics is mainly concerned with a speaker’s competence to use the language system in producing meaningful utterances and processing (comprehending) utterances produced by others, the chief focus of pragmatics is a person’s ability to derive meaning from specific kinds of speech

No entanto, a menção à pragmática feita pelos semanticistas é apenas a título de comparação entre as duas disciplinas, para legitimar esse tipo de análise linguística e depois excluí-la de seu escopo. Por isso, é necessário que se saiba que esse tipo de menção é feita pelos semanticistas, embora não seja a única fonte de definições de pressupostos pragmáticos que se deve adotar.

Em seu livro *Pragmatics*, Stephen Levinson se propõe, assim como os semanticistas que citamos anteriormente, a fazer uma introdução e dar um panorama dos fenômenos de linguagem mais comumente discutidos pela pragmática. Em uma definição bastante inicial, ele diz que “a pragmática é o estudo daquelas relações entre linguagem e contexto que são gramaticalizadas ou inseridas na estrutura de uma língua.” (LEVINSON, 1983, p. 9)<sup>14</sup> Para além disso, “o escopo da pragmática pode incluir o estudo da **dêixis** [...], e provavelmente o estudo da **pressuposição** e **atos de fala**<sup>15</sup>.” (1983, p. 9).

Ou seja, o escopo da pragmática supera o sentido literal e procura dar conta do que está dentro da linguagem e foi excluído do sistema linguístico. Levinson afirma que “a pragmática é o estudo de todos aqueles aspectos do significado que não são capturados em uma teoria semântica<sup>16</sup>” (1983, p. 12) (o que de certa forma remete à famosa questão de Bar-Hillel de que a pragmática seria a cesta de lixo da linguística).

George Yule, em *Pragmatics*, retoma a conhecida divisão tripartite de Morris (1933) (embora não citado pelo autor, sabe-se que essa divisão é considerada fundadora dos estudos do significado dos falantes) dos estudos das sentenças e os recortes teóricos executados por cada uma dessas disciplinas para dar conta desse objeto. Segundo ele,

**Sintaxe** é o estudo das relações entre as formas linguísticas, como elas são arranjadas e quais sequências são bem formadas. Esse tipo de estudo geralmente ocorre sem considerar qualquer referência ao mundo ou a qualquer usuário das formas. **Semântica** é o estudo das relações entre as formas linguísticas e entidades do mundo, isto é, como as palavras literalmente se conectam às coisas. A análise semântica também tenta estabelecer relações entre as descrições verbais e o estado de coisas no mundo como precisas (verdadeiras) ou não, sem se preocupar com quem produziu tal descrição. **Pragmática** é o estudo das relações entre as formas linguísticas e os usuários dessas formas. Nessa distinção tripartite, apenas a pragmática incorpora os humanos na análise. A vantagem de estudar a língua via pragmática é que é a única que pode falar sobre os significados

---

situations. [...] Obviously the boundary between semantics and pragmatics is vague and, and at the present time various scholars are apt to disagree about where the boundary is.

<sup>14</sup> Pragmatics is the study of those relations between language and context that are grammaticalized, or encoded in the structure of a language.

<sup>15</sup> [...] such a scope of pragmatics would include the study of deixis [...], and probably the study of presupposition and speech acts.

<sup>16</sup> Pragmatics is the study of all those aspects of meaning not captured in a semantic theory. Tradução minha.

pretendidos pelos falantes, suas intenções, seus propósitos ou objetivos, e que tipos de ações (por exemplo, pedidos) que elas estão realizando quando falam. A desvantagem é que todos esses conceitos humanos são extremamente difíceis de analisar de uma forma consistente e objetiva. (YULE, 1996, p. 3-4)<sup>17</sup>.

Com isso, vemos que Yule apresenta as vantagens trazidas para o estudo da compreensão de um enunciado através da pragmática, embora reconheça o quanto é difícil analisar objetivamente as intenções do falante, por exemplo. Novamente, é uma forma de mostrar que a semântica é uma disciplina que ignora as realizações dos falantes dentro de seu escopo.

Dan Sperber e Deirdre Wilson (2005) apresentam duas formas de entender a pragmática. Segundo eles,

A pragmática é, em geral, descrita como o estudo do uso da língua, e contrastada com o estudo da estrutura da língua. Em seu sentido amplo, ela cobre uma extensão de programas de pesquisas vagamente relacionados, de estudos formais de expressões a estudos sociológicos de estereótipos étnicos verbais. Em um sentido mais restrito (o que eu vou usar aqui), a pragmática contrasta com a semântica, o estudo do significado linguístico, e é o estudo de como os fatores contextuais interagem com o significado linguístico na interpretação da proposição. (2005, p. 353)<sup>18</sup>.

O tipo de objeto proposto por Sperber e Wilson, na sua definição de pragmática mais restrita, é muito semelhante ao que propuseram os outros teóricos, principalmente porque o embate com a semântica está presente, da mesma forma que nos outros textos. Por outro lado, Sperber e Wilson, pragmaticistas reconhecidamente baseados em Grice, afirmam que esse teórico teria mostrado que não há um abismo intransponível entre a semântica formal e as línguas naturais.

Para filósofos da linguagem, existe um abismo intransponível entre a semântica formal e as línguas naturais. Grice mostrou que esse abismo

---

<sup>17</sup> **Syntax** is the study of the relationships between linguistics forms, how they are arranged in sequence, and which sequences are well-formed. This type of study generally takes place without considering any world of reference or any user of the forms. **Semantics** is the study of the relationships between linguistic forms and entities in the world; that is, how words literally connect to things. Semantic analysis also attempts to establish the relationships between verbal descriptions and states of affairs in the world as accurate (true) or not, regardless of who produces that description. **Pragmatics** is the study of relationships between linguistic forms and the users of those forms. In this three-part distinction, only pragmatics allows humans into the analysis. The advantage of studying language via pragmatics is that one can talk about people's intended meanings, their assumptions, their purposes or goals, and the kinds of actions (for example, requests) that they are performing when they speak. The big disadvantage is that all these very human concepts are extremely difficult to analyze in a consistent and objective way.

<sup>18</sup> Pragmatics is often described as the study of language use, and contrasted with the study of language structure. In this broad sense, it covers a range of loosely related research programmes from formal studies of deictic expressions to sociological studies of ethnic verbal stereotypes. In a more focused sense (the one we will use here), pragmatics contrasts with semantics, the study of linguistic meaning, and is the study of how contextual factors interact with linguistic meaning in the interpretation of utterances.

poderia, pelo menos, ser reduzido, distinguindo o significado da sentença do significado do falante e explicando como significados linguísticos relativamente simples e esquemáticos podem ser usados em contextos para transmitir significados do falante mais ricos ou mais confusos, obtidos não apenas PELO QUE FOI DITO, mas também com o que foi implicado. Isso se tornou a base da pragmática moderna. (2005, p. 354)<sup>19</sup>.

Dessa forma, a pragmática e a semântica poderiam se encontrar em algum ponto desse caminho, e isso tem sido feito, principalmente graças a esforços de teóricos preocupados tanto em formalizar a pragmática quanto em dinamicizar a semântica, através da inclusão do contexto dentro do escopo das disciplinas formais da semântica e da formalização desse contexto dentro de algumas correntes pragmáticas. Esse, no entanto, é um assunto que, pela extensão desse trabalho, será deixado de lado.

Para esses teóricos, o objeto da pragmática não é a sentença, ou o enunciado, mas a proposição, que é capaz de dar “pedaços de evidências do significado do falante”. Para eles,

a compreensão ocorre pela inferência da evidência do significado dado, não apenas pela proposição, mas também pelo contexto. Uma proposição é, evidentemente, um pedaço de evidência linguística codificado, então a sua compreensão envolve um elemento decodificador. (2005, p. 355)<sup>20</sup>.

As definições trazidas pela literatura são variadas e não é necessário que as esgotemos: apenas com os trechos acima percebemos que eles parecem afirmar que a pragmática é uma disciplina disposta a lidar com fenômenos excluídos por outras, na medida em que dá conta do que está além das sentenças e inclui o falante dentro do seu campo de interesse.

Nesse sentido, cabe a definição de Kadmon reformulada e citada por Ligia Negri, em sua tese de doutorado. Para ela, “a semântica se ocupa de questões ligadas à interpretação veri-condicional, isto é, questões ligadas ao sentido literal; e a pragmática estaria ligada à linguagem em uso ‘indo além do sentido literal’” (KADMON, apud NEGRI, 2006, p. 13).

Para fazer um contraponto a Levinson, resenhando Ilari (2000), Negri diz que

---

<sup>19</sup> For ordinary language philosophers, there was an unbridgeable gap between the semantics of formal and natural languages. Grice showed that the gap could at least be reduced by sharply distinguishing sentence meaning from speaker’s meaning, and explaining how relatively simple and schematic linguistic meanings could be used in context to convey richer and fuzzier speaker’s meanings, made up not only of WHAT WAS SAID, but also of what was implicated. This became the foundation for most of modern pragmatics.

<sup>20</sup> [...] utterances are not signals but pieces of evidence about the speaker’s meaning, and comprehension is achieved by inferring this meaning from evidence provided not only by the utterance but also by the context. An utterance is, of course, a linguistically coded piece of evidence, so that comprehension involves an element of decoding.

a assunção explícita desse autor é a de que fenômenos sistemáticos e calculáveis como a dêixis, os atos de fala e as pressuposições pertenceriam ao campo da semântica, ao passo que as implicaturas conversacionais se constituiriam como protótipo do fenômeno pragmático, este como avesso da interpretação calculável.(2006, p. 119).

Poderíamos, ainda, trazer diversas outras definições de pragmática e mesmo fazer muitas outras comparações nos moldes das feitas por diversos estudiosos, mas creio que esse último trecho traga uma definição interessante: a de que a pragmática se debruça sobre tudo aquilo que não pode ser calculado, ao passo que a semântica seria o exemplo de disciplina que se ocupa apenas do que pode, efetivamente, ser demonstrado por cálculos.

## **2 ANÁLISE: AGRADANDO GREGOS E TROIANOS**

Depois de apresentados os pressupostos teóricos do ponto de vista dos próprios pesquisadores, podemos voltar para a “luta de boxe com o espantalho teórico”, uma metáfora recorrente na filosofia da ciência e trazida para essa discussão por Pinker (2008). Para isso, irei apresentar dois tipos de discussão: uma que leva em conta a epistemologia das duas disciplinas em questão para debater os limites do objeto teórico, e outra que discute as metodologias de análise dentro de algumas teorias semânticas e pragmáticas.

### **2.1 DISCUSSÃO DE PRESSUPOSTOS: NEM TANTO AO MAR NEM TANTO À TERRA**

Em Pires de Oliveira e Basso (2007), encontramos uma discussão sobre o que é escopo da semântica e da pragmática. O objetivo dos autores nesse texto é justamente discutir os escopos dessas disciplinas com base nos tipos de argumentos utilizados por seus teóricos quanto às suas distinções. É interessante observar a forma como a argumentação é conduzida, embasada nos pressupostos conhecidos das duas disciplinas, como os que elencamos acima. Em nenhum momento a argumentação parece trabalhar com espantalhos, mas sim com argumentos apresentados efetivamente por uma ou outra disciplina.

Ao longo do texto, os autores apresentam diversos pontos de vista sobre a delimitação do objeto da sintaxe, da semântica e da pragmática. No entanto, o ponto mais interessante é a resenha que fazem de Ilari (2000[1997]), para quem “a diferença básica [entre as teorias] não está na relação dos signos com suas referências e entre eles e os interlocutores [...] mas no próprio objeto de análise”.(PIRES DE OLIVEIRA; BASSO, 2007, p. 10)

Segundo eles,

a natureza do objeto semântico e do pragmático é distinta: o objeto semântico é previsível (um cálculo que vale sempre), ao passo que o pragmático só pode ser “calculado” *a posteriori*, isto é, podemos explicar o cálculo depois que o fizemos, mas não há como saber de antemão o resultado, porque ele depende de fatores imponderáveis (de uma combinação de muitos fatores). (2007, p. 10).

E, de fato, parece ser verdade que os fenômenos considerados estritamente pragmáticos são resultados de fatores incalculáveis *a priori*. No entanto, esse tipo de tomada de posição acarreta uma série de problemas, e, como consideram mais adiante no texto, a distinção dos fenômenos pragmáticos não está exatamente em ser calculável ou não, mas em ser cancelável ou não.

Fenômenos pragmáticos podem ser previsíveis, mas eles podem ser sempre canceláveis. Fenômenos semânticos são os resultados de deduções lógicas (acarretamentos) e por isso são sempre previsíveis e não canceláveis, já que não é possível cancelar uma dedução. Levinson (2000) aponta essa como sendo a propriedade essencial das implicaturas e dos fenômenos pragmáticos: elas se ancoram em inferências não-monotônicas, isto é, em raciocínios que podem ser refeitos ou desfeitos. (2007, p. 13).

As implicaturas de uma proposição são, em geral, o exemplo prototípico de fenômeno pragmático e, portanto, elas podem ser canceladas. Tomemos (1):

- (1) (1a) - Maria, a sopa está sem sal.
- (1b) - Quer que eu passe o saleiro?
- (1c) - Não, não foi isso que eu quis dizer.

A implicatura gerada pela fala em (1a) (algo como “quero que você me passe o saleiro”) foi cancelada, porque em (1b) o indivíduo interpretou (1a) como sendo um pedido, enquanto era uma constatação, conforme podemos conferir em (1c). Nesse caso, parece ser consenso que a implicatura é perfeitamente cancelável.

Segundo eles, para Ilari, essas implicaturas conversacionais seriam o exemplo prototípico de um fenômeno pragmático. Por outro lado, dêixis, pressuposição e atos de fala (que vêm sendo considerados também fenômenos pragmáticos por teóricos tanto da semântica quanto da pragmática) seriam exemplos de fenômenos semânticos, uma vez que podem ser calculados antes, ou seja, são previsíveis. “Por exemplo, ao proferir ‘Prometo X’ o falante sempre se compromete com a realização de X: assim, de ‘Prometo X’ podemos inferir ‘Me comprometo com a realização de X.’” (2007, p. 11) .

Por outro lado, citando Ilari, afirmam que não é possível prever se alguém que profere, por exemplo “Maria saiu” quer ou não significar “Podemos ir embora”. Para eles, inferir uma informação da outra “só é possível se, dado um tanto de conhecimento compartilhado por falante e ouvinte (um contexto), o ouvinte fizer uma aposta de que é essa a intenção do falante. O sistema por si só não pode gerar essa inferência.” (2007, p. 11). E mais, que não se pode, de antemão, prever que o falante queria dizer “Podemos ir embora.” ao proferir “Maria saiu.”.

Ou seja, a conta só pode ser feita depois. Podemos dizer que “Maria saiu.” significa “Podemos ir embora.” se soubermos que, em um determinado contexto, é necessário que Maria saia para que outras pessoas, incluindo o autor da sentença, possam ir embora. A conta, então, não pode ser feita “de trás para frente”, ou seja, calcular o que o falante quis significar sabendo apenas a primeira proposição, isolada de um contexto.

Essas seriam as implicaturas conversacionais particulares. No entanto, Oliveira e Basso detectam uma falha na argumentação de Ilari, que não está distinguindo esse tipo de implicatura da conversacional generalizada, e afirmam que não há como dar um tratamento semântico às implicaturas que Grice chamou de “escalares”, já que o raciocínio que as sustenta

depende crucialmente de uma passagem que não pode ser justificada apenas recorrendo-se à estrutura lógica (ou semântica); há uma passagem em que a opinião do intérprete entra no “cálculo”, subjetivando-o, impondo-lhe o seu gosto e a sua sagacidade para interpretar a opção do falante.(2007, p. 14).

Outra proposta interessante de distinção entre semântica e pragmática, de acordo com Oliveira e Basso, é a apontada por Stalnaker (1972). Segundo essa distinção, o contexto seria o grande divisor de águas entre a semântica e a pragmática, porque esta “mobiliza o contexto nas suas explicações; enquanto a semântica não depende do contexto.” (2007, p. 15). Para esse modelo, a pragmática teria duas tarefas, afirmam os autores: explicar como o contexto determina a proposição e como se dá a “performance” dos atos linguísticos. “Há, assim, dois tipos de problemática pragmática: uma ao redor do conceito de atos de fala, tomados no sentido amplo de entender como as implicaturas ocorrem, e outra que diz respeito a como o contexto determina a proposição.” (2007, p. 15).

Sobra, portanto, para a semântica, o estudo da proposição. Afirmam os autores que, se nos balizarmos pelo que Stalnaker está propondo, devemos deixar de lado a hipótese de que a semântica se ocupa da valoração de verdade, porque disso decorreria que ela seria incapaz de captar nuances de significado, como a diferença entre as sentenças “João veio” e “Até João veio”. No entanto, afirmam, “há a pressuposição de uma escala e o

posicionamento de João no ponto mais baixo dessa escala, o que permite a inferência de que todos vieram (se o falante está afirmando que (até) o menos esperado veio, então está livre para inferir que todos os demais vieram)” (2007, p. 15). Captar essas diferenças é, para Stalnaker, o objeto da semântica.

O texto de Oliveira e Basso, evidentemente, não se resume a apenas esses poucos pontos, mas creio que esse levantamento de trechos da discussão serve para demonstrar que tipo de ponto de vista os autores defendem. Além do exposto, eles afirmam que estão “advogando que o pragmático não se caracteriza por nenhuma dessas características tomadas isoladamente, mas pela sua combinação: o pragmático é não-calculável, contextual e cancelável” (2007, p. 18) e que

o semântico, embora dependente desse julgamento em contexto, porque a caracterização da proposição só é possível a partir dele, se dá na sua independência, porque seu objeto de estudos é a proposição que se caracteriza por carregar não apenas as informações sobre as condições de verdade, mas também sobre as condições de admissibilidade (sobre o contexto em que ela é feliz). (2007, p. 18).

Oliveira e Basso não propõem, como vimos, nenhum tipo de análise de dados porque a análise que efetuam é justamente baseada nos pressupostos das teorias pelas quais passearam. No entanto, no item 2.2, observaremos as propostas de análise de um fenômeno linguístico, a metáfora, por um viés pragmático, e de que forma a constituição daquele discurso parece um embate com o espantalho.

## **2.2 DISCUSSÃO DE METODOLOGIA: “É FÁCIL CHUTAR CACHORRO MORTO”**

O manual *Introducción a La Pragmática*, da professora espanhola Maria Victoria Escandell, servirá como material de análise para a proposta apresentada por Pinker. Embora todo o livro pudesse ser discutido à luz dessa proposta, o que pretendo colocar em questão nesse trabalho é o capítulo chamado “La metáfora”, no qual a autora traz à tona um fenômeno linguístico tradicionalmente disputado pela semântica e pela pragmática.

É evidente que um pesquisador, ao adotar uma teoria em detrimento da outra, precisa justificar a sua escolha e as críticas que têm sido feitas aos modelos teóricos concorrentes provêm da falta de coerência interna de uma ou outra. Escandell, dessa forma, afirma que “para explicar adequadamente as condições que determinam seu uso [da metáfora], é necessário um enfoque que possa levar em consideração elementos não estritamente linguísticos” (ESCANDELL, 2006, p. 194). De acordo com a autora, “o tratamento semântico da metáfora não resulta adequado: ou bem não descreve

corretamente o significado das metáforas, ou bem não se desenvolve dentro dos limites de uma teoria semântica” (2006, p. 201). Com isso, fica clara a opção da autora pela teoria pragmática.

A autora começa, então, a construir seu espantalho da semântica. Entre as diversas explicações possíveis da metáfora que a autora poderia apresentar para tornar claro ao leitor do seu livro quais são as abordagens semânticas, ela opta por apenas duas, obsoletas e apenas de uma corrente da semântica – o que nos leva diretamente à estratégia que Pinker chamou de “luta de boxe com o espantalho”. A fragilidade do seu espantalho é óbvia, porque se tratam de análises antigas e sequer referenciadas dentro de seu texto.

A primeira das possibilidades de análise seria a “teoria da comparação de traços”, que assume que todas as palavras guardadas em nosso léxico teriam ‘traços’, ou características internas, que as definiriam. Dessa forma, a palavra “baleia” apresentaria, por exemplo, os traços [+mamífero], [+marinho], [+nadador], [+comedor de krill], [+gordo], [+etc.] (para fins de economia, estou omitindo traços para os quais o valor é negativo, porque seriam infinitos). Dessa forma, quando um falante pronuncia a frase “João é uma baleia”, por exemplo, estaria selecionando, dentro dos traços que comporiam o conceito de “João” (que poderiam ser [+mamífero], [+terrestre], [+bípede], [+funcionário público], [+gordo]), um que fizesse a intersecção.

Ora, é evidente que não é uma condição necessária para uma baleia apresentar o traço [+ gordo], porque isso não está na baleia, mas na ontologia e porque, de alguma forma, é a nossa comunidade de fala que compartilha que baleias são gordas (ou seja, pode ser algo que não se verifique em outras línguas). Não obstante, teorias como a semântica de traços foram abandonadas porque se chegou à conclusão de que é impossível estabelecer que tipos de traços podem ser levados em conta. Traços não se tratam apenas de distinção entre conceitos, mas de categorias nas quais eles devem ser encaixados e, se houvessem conjuntos aos quais qualquer objeto pudesse pertencer, esses conjuntos não diriam nada sobre seus elementos.

Outro contra-argumento para esse tipo de análise seria, como apresentado pela autora, que não é necessário que o objeto da comparação possua o traço que estaríamos utilizando para comparação. Escandell utiliza a sentença “É uma mulher de ferro” (2006, p. 195) para esse debate. O ferro, segundo ela, não é um metal inflexível. Qualquer traço que pudessemos encontrar em “ferro” não seria suficiente para estabelecer a comparação que pretendemos.

A segunda análise apresentada por Escandell é a “teoria da comparação suprimida”. Para ela, essa teoria utiliza o conceito clássico de metáfora, segundo o qual esse fenômeno

sempre traria à tona uma comparação entre dois conceitos. Essa teoria assume que a comparação se daria tanto no nível sintático quanto no nível semântico e que a interpretação de qualquer metáfora passaria pela reconstrução dessa comparação suprimida. Dessa forma, postula que existem três tipos de construções de comparação metafórica possíveis, que Escandell apresenta, baseada em Miller (1979), da seguinte forma:

- I) Nominal ou atributiva: SER (x,y), onde x é o termo real e y é o termo metafórico, postos em relação pela cópula *ser*.
- II) Predicativa: G(x), onde G representa um predicado metafórico e x, um termo real.
- III) Oracional: G(y), onde G é um predicado e y é seu argumento, ambos metafóricos. (2006, p. 196).

Esses três tipos de representações formais poderiam ser exemplificados, respectivamente, como:

- (I a) João é uma mula.
- (II a) Maria cacareja.
- (III a) A vaca foi pro brejo.

A interpretação da fórmula proposta em (I) para (Ia) seria “João é teimoso como uma mula”, porque o que está sendo suprimido é o termo da comparação. Segundo Miller (1979), citado por Escandell (2006), a fórmula da interpretação de I seria

$$\text{SER } (x,y) \leftrightarrow \exists F \exists G (\text{SIMILAR } (F(x)), (G(y)))$$

que, interpretada, diz que existem duas propriedades, F e G, e que predicar F de algo seria o mesmo que predicar G de outro algo. Ou seja, dizer de João que ele é uma mula significa dizer que ele é teimoso da mesma forma que se diria que uma mula é desobediente, que tem vontade própria.

A fórmula proposta por Miller (1979) para (II a) seria

$$G(x) \leftrightarrow \exists F \exists y (\text{SIMILAR } (F(x)), (G(y)))$$

que diz, em outros termos, que predicar G para y é semelhante a predicar F para x. No exemplo (II a), seria dizer que predicar de Maria que ela fala é o mesmo que predicar de uma galinha que ela cacareja. O ponto aqui, além de se tratar de predicação, é que o que

está suprimido é o sujeito de uma das comparações, ou seja, não estamos verbalizando, como em I, “Maria cacareja como uma galinha (cacareja)”, porque “galinha” está apenas subentendida pelo valor de “cacarejar.”

Já a fórmula para (III a) apresentada pela autora é

$$G(y) \leftrightarrow \exists F \exists x (\text{SIMILAR}(F(x)), (G(y)))$$

o que, aplicada à sentença, seria algo como dizer que “A vaca foi pro brejo” equivale a afirmar que há um problema aparentemente sem solução. Como estamos tratando de predicação, mas metafórica, o que a fórmula propõe é que afirmar, metaforicamente,  $G(y)$ , é o mesmo que afirmar, não metaforicamente,  $F(x)$ .

Apesar de formalmente o sistema parecer funcionar bem, e de ser bastante econômico, Escandell apresenta diversos pontos problemáticos para esse tipo de abordagem. Como nas críticas feitas à teoria da interação de traços, o maior problema aqui está em tratar novas possibilidades de metáfora. Se um falante produz, por exemplo,

(1) João é um pirata.

saberemos que poderá estar utilizando uma metáfora. No entanto, não é tão simples saber que tipo de comparação ele estará estabelecendo. Não se pode prever sobre qual predicado de “pirata” a comparação está sendo feita e sequer é possível saber se esse predicado é mesmo possível para “pirata” (algo muito semelhante ao que apontei, acima, com o exemplo (4)).

A negação é outro fenômeno que indica falhas nesse tipo de análise. Sabemos que, na lógica, a negação é capaz de inverter o valor de verdade de uma proposição. Apesar de, em nenhum momento, os valores de verdade terem sido considerados, pensemos, por exemplo, em uma sentença como

(2) João não é um foguete.

Podemos negar essa sentença, cujo valor de verdade é ‘verdadeiro’ por ser uma sentença trivial. No entanto, estamos trabalhando com metáforas e, quando um falante produz isso, sabemos que dificilmente ele estará sendo literal. De qualquer forma, mesmo que o falante produza (2), somos capazes de recuperar a metáfora contida em “foguete”,

somos capazes de selecionar o significado contido nessa metáfora e ainda sabemos o que está sendo negado – a saber, a velocidade.

Um outro problema possível diz respeito às expressões de predicação metafórica apresentadas por Escandell (2006) que, pelo que pudemos observar, tratam-se de ditos populares. Embora o sistema formal seja algo muito interessante – e, em certas pesquisas, almejado – esse tipo de formalização não é capaz de prosseguir de forma consistente para esse tipo de fenômeno. De acordo com as minhas pesquisas recentes, os ditos populares possuem uma significação mais ou menos estanque, de fato, mas nem em todos os casos fica fácil determinar qual a questão que está sendo levantada. Dessa forma, não é sempre que dizer “A vaca foi pro brejo” vai significar que estamos diante de um problema sem solução.

Aparte isso, o modelo formal apresentado também não parece formulado a ponto de permitir certa mobilidade morfológica e sintática dessas expressões metafóricas. Ou seja, um falante pode produzir, para o mesmo “dito popular”, diversas sentenças:

- (3) A vaca foi pro brejo.
- (4) A vaca tá indo pro brejo.
- (5) A vaca não foi pro brejo.
- (6) O curral inteiro foi pro brejo.
- (7) A vaca foi pra um brejo tão grande que parecia um pântano.
- (8) Hoje mandei a vaca pro brejo.

Não me parece que sentenças como (5), (6), (7) e (8) estejam previstas nesse sistema. Além disso, fica sempre difícil trabalhar com a negação, como mencionei acima. O maior problema desse sistema, no entanto, é não conseguir prever que uma palavra possa significar mais que o sentido literal que apresenta.

Como vimos, as questões apontadas pela autora, no que concerne à semântica, são críticas contundentes a modelos de análise defasados, ao passo que as explicações pragmáticas que ela dá parecem bastante coerentes e almejadas. Novamente, o que fica bastante claro na argumentação dessa autora é o enfraquecimento a que submete as teorias semânticas.

Muitas das críticas feitas às duas teorias acima, no entanto, não foram feitas apenas por Escandell, mas por diversos pesquisadores interessados no fenômeno da metáfora. Isso consolida a nossa hipótese de que, se o espantalho que ela criou mal consegue se sustentar em pé, é muito fácil invalidar essas teorias.

A invalidação se dá, na argumentação da autora, logo em seguida, quando ela começa a apresentação das teorias pragmáticas. Não acredito que caiba, nesse trabalho, retomar a explicação que ela faz dessas teorias, mas apenas ressaltar que está feita de forma mais sóbria, referenciada, e o simples fato de ela escolher deixar para o final seu ponto de vista, como pode ser explicado pelas semânticas argumentativas – e quem sabe, também pela análise do discurso –, reafirma seu posicionamento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embates teóricos dentro de disciplinas científicas, como vimos, são a base para a construção da ciência. De forma alguma podem deixar de existir, pois, sem eles, não haveria processo científico nem teorias possíveis. Além disso, o próprio embate entre os teóricos pode ser material de análise da filosofia das ciências – vide o caso da Teoria das Controvérsias, grande parte do trabalho de Marcelo Dascal, por exemplo.

No entanto, como sabemos, teorias são incomensuráveis e, de acordo com Pires de Oliveira e Basso (2007), admitimos que

Como estamos num plano de descrição de fenômeno e não de fenômenos diferenciados, a escolha por uma descrição pragmática e/ou semântica cabe ao pesquisador no âmbito de sua pesquisa, nos horizontes de seus interesses, ou seja, ela é arbitrária e, portanto, pode ser normativa na medida em que enquadrar um dado trabalho automaticamente enquadra os outros, e assim fechamos um círculo já traçado na introdução. (2007, p. 18).

Endosso esse ponto de vista no sentido em que qualquer tipo de proposta pode ser feita para analisar os fenômenos da língua, desde que ela seja coerente e seja capaz de tratá-lo de uma forma neutra. Ou seja, o que se espera de uma teoria é que utilize todos os seus recursos para dar conta do fenômeno que pretende observar e que seja capaz de fazê-lo com uma coerência interna.

De nenhuma forma uma teoria pode ser considerada melhor que a outra e é impossível traçar comparações entre elas, a não ser que a medida seja o poder explicativo que cada uma possui frente aos mesmos fenômenos. A escolha teórica, portanto, não diz respeito a estar mais perto da verdade, mas a poder explicar mais concisa e coerentemente determinado fenômeno.

É evidente que a apresentação do oponente teórico não vai deixar de ser uma mera redução do que a teoria contempla – porque, se assim fosse, seria impossível dar conta de tanto material teórico – mas é possível, e desejável, tratar o oponente com mesma dignidade com que se apresenta a linha teórica que se está tomando por aliada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- CANN, R. *Formal Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- CHIERCHIA, G. Reference to Kinds across Languages. *Natural Language Semantics* 6, p. 339–405, 1998.
- CHIERCHIA, Gennaro; McCONNEL-GINET, Sally. *Meaning and Grammar. An introduction to semantics*. Cambridge: MIT Press, 2000.
- ESCANDELL, M. V. *Introducción a la Pragmática*. 2. ed. Barcelona: Ariel Linguística, 2006.
- KADMON, Nirit. *Formal Pragmatics: Semantics, Pragmatics, Presupposition, and Focus*. Blackwell Publishers, 2001.
- KREIDLER, Charles W. *Introducing English Semantics*. Londres: Routledge, 1998.
- LEGROSKI, M. C. Conceitos básicos de pragmática para análise gramatical: definindo metáfora. Relatório de Iniciação Científica apresentado no XVI EVINCI. Curitiba, 2008.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- NEGRI, L. *Zona de fronteira: a delimitação entre a semântica e a pragmática sob a lente das expressões de polaridade negativa*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1884/7562>>. Acesso em: 29 mar. 2010.
- PINKER, S. *Do que é feito o pensamento: A língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.P.; e BASSO, R.M. A Semântica, a Pragmática e seus Mistérios. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. v. 5, n. 8, 2007. Disponível em <[http://www.revel.inf.br/site2007/pdf/8/artigos/revel\\_8\\_a\\_semantica\\_a\\_pragmatica\\_e\\_os\\_seus\\_misterios.pdf](http://www.revel.inf.br/site2007/pdf/8/artigos/revel_8_a_semantica_a_pragmatica_e_os_seus_misterios.pdf)>. Acesso em: 29 mar. 2010.
- PORTNER, Paul.; PARTEE, Barbara H. (orgs.). *Formal semantics – Essential Readings*. Oxford: Blacwell Publishing, 2002.
- SPERBER, Dan and WILSON, Deirdre. Pragmatics. In JACKSON, F.; SMITH, M. (eds.). *Oxford Handbook of Contemporary Philosophy*. OUP, Oxford, 468-501. 2005.
- YULE, George. *Pragmatics* (Oxford Introductions to Language Study). Oxford: Oxford University Press, 1996.

Recebido em 29 de março de 2010.

Aceito em 20 de junho de 2010.